203 Ovar—Domingo 25 de Janeiro de 1891 5.º A

Assignatura

Assignatura em Ovar, semestre 500 rs.
Com estampilha..... 600 rs.
Fóra do reino accresce o porte do correio.
Annunciam-se obras litterarias em troca de dous exemplares.

Pagamento adiantado

Redacção e administração
Rua d'Arruella n.º 119

O POVO D'OVAR

Director e editor—*Francisco Fragateiro* Administrador—*Antonio José Pereira Zagallo*

Publicações

Publicações no corpo do jornal 60 rs. a linha.
Annuncios e communicados, a 5 reis a linha.
Repetições..... 20 rs. linha
Annuncios premanentes 5 »
Folha avulso..... 40 reis

Séde da imprensa
Rua da Fabrica, n.º 11—Porto.

O CONSTITUCIONALISMO

E OS

REPUBLICANOS

O constitucionalismo é o verdadeiro systhema das contradicções. Amalgama de dois principios diametralmente oppostos, foi destinado apenas ao periodo transitorio, que vamos atravessando; e mesmo a esse serve mal, porque se presta a todas as ficções, a todas as prepotencias. E' mais tyranico do que todos os absolutismos, mais licencioso do que todas as democracias. Facilmente se sophisma e por isso mesmo lhe falta a força moral dos systhemas extremos, em que as responsabilidades são claramente definidas.

Traduziu-se em cartas e constituições—uma quasi-burla ambas, porque, nas primeiras, os reis, fingindo afagar a soberania popular, cercavam-se de prerogativas taes que a tornava em uma esphinge: nas segundas, os elementos historicos, dispondo então das influencias poderosas cerceavam as regalias, que as classes populares reclamavam ainda timidamente, quasi inconscientemente, como entre nós succedeu.

Presente-se que o constitucionalismo está prestes a passar. A todos os momentos mostra a sua dificiencia perante os grandes problemas, que se agitam no seio das sociedades modernas.

Caminhamos: e os thronos, que assentaram n'essa ficção, estremecem, vacillam, embora os dotes pessoaes dos imperantes, que são alijados—elles os representantes do direito divino e os escolhidos da soberania popular.

*

O partido republicano portuguez veio lançar ao paiz o seu manifesto e conjunctamente a noticia da sua desunião.

O manifesto não deu novidade. As suas doutrinas, que vem sendo cosinhadas desde a revolução franceza, ainda não perderam o carater metaphisico da philosophia revolucionaria d'aquella epocha.

O manifesto não marca a entrada do partido republicano no seu periodo da constituição e organisação. Mostra-o ainda no seu periodo da formação, de lucta com o caracter puramente negativo. Os nomes dos alevantados escriptores, que o firmam, não lhe podem dar a auctoridade e prestigio de que carecia o primeiro acto de franca propaganda, que o directorio superior do partido republicano apresenta.

Abre explorando a questão africana: termina formulando algumas reformas sem fundo pratico.

Foi um acto esteril e não teve uma significação egual ou sequer approximada á da scisão do partido.

Alguns reputaram mal a separação do partido republicano em dous grupos, prophetisaram a decadencia d'esse partido. Somos de opinião opposta.

A separação dos dous grupos produz-nos impressão exactamente contraria ás do manifesto. Vê-se que o partido se acha sufficientemente forte para se organisar devidamente, aggremiando-se os elementos homageneos para constituir agrupamentos de democraticos distinctos.

Se o partido republicano estivesse ainda no seu primeiro periodo a scisão seria impossivel, sem logo arrastar a morte do partido; mas dada n'esta altura indica força.

E' isto o que sempre se deu em todos os partidos. A historia das luctas civis entre nós está ainda bem presente ao espirito de todos para que seja escusado repetil-a.

*

Sente-se tremerem os thronos, e augmentarem os partidos democratas. Porque?

E' a deficiencia do constitucionalismo para as horas de crise: são os muitos erros a que dá protecção.

E' uma das funcções mais importantes d'este systema politico o parlamentarismo. E' este tomado como a maxima garantia para o povo, porque n'elle o povo mostra por completo a sua soberania.

E comtudo quando a nação atravessa um periodo agudo: quando sente o despedaçar da sua historia debaixo da pressão brutal d'uma nação sua alliada, o parlamento fecha-se, os representantes d'esse povo que o constitucionalisam chama soberano, são affastados como importunos. De modo que nas circumstancias mais difficeis é que o parlamento se dispensa e fica o governo em dictadura, como no regimen absoluto, dispondo de tudo a seu talante.

E, o que é mais, no meio d'este desprezo pela chamada soberania popular, não se ouve um unico protesto, uma unica reclamação!

E' um liberalismo absoluto.

Não admira que os thronos vacillem e que a democracia lance mais ao largo as suas raizes.

OS CRIMES DOS POLITICOS

Não nos queriamos referir a umas porcarias que os politicos progressistas ha dias ensaiaram, no tribunal, sob a direcção do snr. Lopes Godinho, d'Oliveira d'Azemeis—um intelligente advogado que, com a maior facilidade e sem repugnancia, se presta a desempenhar *todos* os papeis. Classificamo-las como um dos actos normas da politica pequena cá da terra, e, como tal, para nossa vergonha devia ficar no esquecimento.

Porém a ignorancia e o pouco senso de quem dirige o jornal dos nossos adversarios, veio expandir em artigo campanudo uns despeitos semeados de tolices crassas.

E' a nossa missão repor as coisas nos seus devidos termos. Vamos fazel-o sem resentimentos, nem tão pouco com vontade de ferir pessoa alguma.

*

Os crimes de que vem sendo accusado o snr. Antonio Pereira da Cunha e Costa, quer como presidente da commissão do recenseamento eleitoral, quer como simples particular, são já bem antigos. Deviam estar ha muito tempo julgados.

Se assim tivesse succedido nunca o snr. Cunha pensaria na impunidade ou ao menos de se eximir á acção da lei, que pesa egualmente sobre todos os reus accusados de crimes, sejam ou não criminosos.

Mas o snr. Cunha que viu nunca ser marcado dia para julgamento nos seus processos emquanto no poder esteve o ministerio regenerador — não suppoz que elle fosse marcado agora que no poder está um governo da sua feição.

Ora quer o snr. Cunha saber porque isto se deu?

Durante quasi toda a situação regeneradora esteve n'esta comarca exercendo as funcções de delegado do procurador régio o subdelegado, o snr. dr. Augusto Barbosa de Quadros. Este cavalheiro teve sempre o especial cuidado de nunca promover que se designasse dia para julgamento nos processos crimes, em que eram reos partidarios um pouco graduados no partido progressista do concelho.

Teve assim em vista não se malquistar com os adversarios para não prejudicar a sua futura carreira na magistratura.

Depois seguiu-se o sr. dr. Eduardo Augusto Chaves que promoveu em todos os processos, menos no do sr. Cunha—provavelmente porque com elle tinha as relações pessoaes cortadas e com isso quiz mostrar que não se valia d'um cargo para exercer vingança.

O facto é que a poeira do tempo cobriu esses processos, e isso auctorisou o sr. Cunha e companheiros a pensar em que taes processos jamais sahiram do archivo.

Um dia, porém, foi nomeado para esta comarca um delegado, um cavalheiro distincto que os mais façanhudos progressistas não reputam politico. A sua ex.ª foram apresentados esses e outros processos, que logo tiveram promoção para que se designasse dia para julgamento.

O digno juiz de direito marcou o dia.

*

O sr. Cunha e companheiros espantaram-se, enraiveceram-se perante tal ousadia do... delegado. Pois podia lá ser—em plena situação progressista sentar-se no banco dos reos um chefe progressista?!

Chamaram-se os advogados partidistas, da terra para arranjar trica, mas nenhum d'elles se prestou (para honra sua) a desempenhar esse triste papel. Os reos deitaram a mão ao sr. Lopes Godinho.

Imaginou-se a trica dando por suspeito o digno juiz de direito e todos os substitutos um dos quaes o sr. dr. Lourenço d'Almeida e Medeiros nem sequer é conhecido n'esta villa—; e isto somente para que os reus fossem julgados pelo presidente da camara.

O digno juiz de direito, á suspeição que lhe deduziram, respondeu que por ser calumniosa lhe não merecia resposta, nem tão pouco apresentava testemunhas.

*

O sr. Cunha e companheiros pensavam provavelmente que o digno juiz se daria por suspeito ao primeiro requerimento que fizessem—e assim tinha a trica produzido um resultado maior do que o de empatar e addiar indefenidamente o julgamento.

Por isso vem para o jornal invectivar o digno juiz por elle não acceitar a suspeição. Como se a suspeição não offendesse o seu caracter de magistrado recto, dignissimo, d'uma consciencia superior á de toda essa gente, que ahi se chafurda na selvagem politica progressista ou regeneradora da terra vareira.

O digno juiz de direito d'esta comarca está muito acima de quesquer invectiva ou de quesquer tricas em que a politica vareira d'um ou outro lado procure enredal-o. Pode muito bem responder a todos com os actos que tem praticado.

Novidades

Transferencia.—Foi transferido para a nova comarca d'Albergaria o digno juiz de direito de Almeida, dr. Francisco Antonio Pinto, genro do ex.mo snr. dr. Domingos Manoel d'Oliveira Arala.

Morto de frio—Joaquim Berlinchas era um pescador economico — uma verdadeira excepção á regra. Emquanto foi vo trabalhou muito, poupou para que a vilhice o não viesse encontrar na extrema pobreza. Como era pescador e vivia n'um casebre ahi para os lados da Ponte-Nova, ninguem suppunha que elle tivesse mealheiro.

Porém quando foram mandadas recolher as libras anteriores ao reinado da rainha Victoria, Joaquim Berlinchas trocou na recebedoria d'esta comarca reis 900$000 em libras. Era um peculio menos mau e o caso é que deu rebate por aquelles sitios.

Dias depois da troca o mealheiro desappareceu e o Berlinchas deu pela falta em uma tarde ao regressar do Furadouro. Debalde se queixou, porque o larapio nunca foi descoberto.

Desde então o roubado tornou se cada vez mais apprehensivo. De noute era visto pelas ruas soltando gritos contra o ladrão do seu dinheiro. Tornou-se demente e cahiu na extrema miseria.

Mal pedia esmola e as geadas d'estas noutes de rigoroso frio vinham-no encontrar pelas ruas, vestido de roupas leves.

Na quarta-feira pela manhã foi encontrado em um caminho da Ponte-Nova, gelado, victima do frio.

Participado o caso em juizo procedeu-se ao competente exame.

Fogo posto?—Pela volta das onze horas da noute de sabbado manisfestou-se fogo n'um engenho que Antonio Gomes Coentro, do Carril, tem na Madria.

O fogo devia ter principiado em uma porção de pasto secco, que na dita casa do engenho estava recolhido e depois communicou-se á casa. N'esta casa estava deitado o celebre Mudo do Carril (nome porque é conhecido), o qual se não é soccorrido a tempo lá ficava.

Devido a terem chegado de prompto os soccorros, o incendio causou pequenos prejuizos.

Correu a principio o boato de que o fogo fôra lançado de proposito.

Francamente, não acreditámos, nem acreditamos em tal. Lançar de proposito um fogo denota uma perversidade tal, que nos recusamos a admittir semelhante hypothese, tanto mais que se quizessem fazer mal ao dono da propriedade, não iriam escolher um engenho onde se recolhem pastos, com insignificante valor.

Ovar tem sido fertil em crimes, mas nenhum, que nos conste, d'este genero.

E' provavel que o fogo proviesse d'algum descuido. O palheiro ou casa d'engenho costumava estar aberto, o sitio é um pouco remoto, mas não muito distante das casas—era talvez proprio para meditar nos grandes problemas sociaes e economicos,

na lei de Malthus, por exemplo. E com estas meditações não impedem por forma alguma o individuo de fumar, podia no pasto secco cahir algum morrão e d'ahi resultar o fogo.

Emfim o caso foi participado para o poder judicial e elle dirá o que entender.

Desastre. — Na terça-feira, ao meio dia, no logar de Acções, Antonio Nunes andava a cortar um pinheiro. Tinha-o já escavado bastante e cortado algumas raizes, quando ia a amarrar a corda para derrubar um pequeno golpe de vento fazendo pressão no pinheiro derrubou-o inesperadamente e com tanta infelicidade que o pinheiro cahiu sobre um pequeno de 3 annos de edade filho de Francisco Maria Perola, esmagando-o.

D'ahi a duas horas a creança falleceu.

Fallecimentos—Falleceram n'esta villa a virtuosa mãe do nosso bom amigo dr. Antonio d'Oliveira Descalço Coento, e a bondosa esposa do nosso amigo sr. Manoel Rodrigues Pepulim. Em Lisboa falleceu o sr. Antonio Pereira d'Araujo sogro do nosso amigo dr. Antonio dos Santos Sobreira e tio do snr. dr. Francisco Ferreira d'Araujo.

A' familia dos finados damos sentidos pesames.

Doença.—Tem estado doente a esposa do nosso amigo, sr. Francisco Peixoto Pinto Ferreira, acreditado negociante, das Pontes.

Desejamos prompto restabelecimento.

Missa.—Foi na segunda-feira pela manhã que um grupo de rapazes mandou celebrar a missa por alma de Carlos Valle.

Depois da missa, ás 8 horas da manhã, foram depor na campa do infeliz moço uma corôa de flores, junto á sepultura discursaram Angelo Lima e Alberto Pimenta.

Tentativa de roubo. —Em uma das noutes da semana passada os larapios quiseram entrar em algumas casas do Largo do Chafariz, principalmente em uma relojoaria.

Voltamos pois ao tempo antigo. A villa soffre periodicamente d'estas doenças, que a Africa tem curado, mas a cura nunca é tão radical que não fiquem por cá uns *restos*. Estes *restos* em que sempre se falla a proposito de qualquer roubo, precisam de ser isolados á mais pequena prova. Estamos certos de que se contra elles chega a haver pronuncia não ha depois jury que os absolva.

Os larapios n'esta ultima tentativa de roubo deixaram vestigios, ao que nos consta, e um pé de cabra.

Com tal gente todo o cuidado é pouco.

Manifestação. — Disseram-nos que a auctoridade administractiva recebera ordem de preparar grande manifestação ao ministro do reino, o sr. dr. Antonio Candido.

Como o tempo apertava, correram todos os partidarios progressistas n'uma azafama espantosa a casa d'uns e d'outros, á cata de gente. A philarmonica fartou-se de tocar na Praça fazendo chamariz.

Afinal a manifestçaão foi pouco concorrida—muito abaixo do que mereciam os creditos do illustre e sympathico ministro.

Rapazitos mortos de frio.—Na manhã de quarta-feira foram encontrados na prôa de uma bateira, da Murtoza, na ria de Aveiro, 2 pobres rapazes, pescadores, creanças ainda, a quem o rigor da inverneira da noite tirou a vida. Fazia dó vel-os abraçados como appareceram!

Milagres.—Os jornaes da India occupam-se de curas milagrosas, mais ou menos surprehendentes, por accasião da exposição do corpo de S. Francisco Xavier. E' claro que dão conta de esses pretendidos milagres com a maior reserva. Um redactor, porém, do *Correio da India* d'uma cura operada n'uma senhora, cega e tolhida. A infeliz levada em braços por meia duzia de pessoas da familia, apenas beijou o pé do santo, abriram-se-lhe os olhos e recuperou subitamente a liberdade de movimentos!

Nos Estados-Unidos. —*Uma fallencia de dois mil e quatrocentos contos—Alarme commercial—Inconvenientes do credito.*—O Banco Nacional Americano, com séde na cidade de Kansas, Estados-Unidos do Norte, suspendeu pagamentos. O seu passivo é de dois mil e quatrocentos contos.

Determinaram a fallencia as retiradas em massa e inesperadas dos depositos de uma instituição pia.

Em New-York, a noticia produziu uma sensação vivissima e o commercio está alarmado, porque se receia que algumas casas sajam arrastadas na quebra.

Em Londres, ha tambem alguma inquietação, particularmente nas casas que tem negocios na America do Norte.

Attribue-se a crise, que está reinando nos Estados-Unidos do Norte, principalmente ao abuso do credito.

A rainha D. Maria Pia —Sua Magestade mandou depôr no tumulo do seu irmão Amadeu, dia 18, anniversario do fallecimento do principe de Saboia, uma corôa de violetas e lilazes.

Victima da embriaguez—Em Vianna succumbiu a uma queda, resultante de embriguez, o alfaiate Pedro de Deus.

Litteratura

UMA AVENTURA.

Eu tinha jantado muito bem, com a familia, em casa é verdade, mas nem por isso deixara de saborear um magnifico jantar, com bons vinhos e excellentes licôres, que diga-se a verdade me produziram uma pontinha de embriaguez distincta *chic*, sem as pernas cambaleantes, sem os palavrões canalhas das viellas infectas, sem o estomago azedo, o halito pestilento da bebedeira pulha.

Accendendo a minha deliciosa *breve*, pensava na forma de entreter a noite.

Iria ao theatro, ao club, ao Martinho? Nada d'isto me seduzia...

A noite não estava fria e eu achavame *quente*... um pouco propenso para o sentimentalismo, para o galanteio.

Resolvi ir á Avenida, em busca de alguma aventura picante.

Eu estava muito imbecil!... Correr aventuras em Lisboa, na Avenida da Liberdade!... Eu fui...

Que esperava eu? Encontrar no nosso meio, d'uma restricção mesquinha, os colloquios poeficos entrevistas dramatisadas dos balcões rendilhados de Granada, das gelozias floridas de Sevilha?

Julgar-me-hia incarnado na alma romantica d'algum bardo guerreiro da edade media? Possuir-me hia do espirito meigo e diabolico de D. João, imaginando que vibraria nas cordas do meu alaú de idealista as canções suaves de amor, ou as estrophes lubricas da luxuria, com que aquelle formoso devasso enlameava os corações mais castos, enegrecia as almas mais limpidas, verminava os corpos mais pudicos?

Como eu divagava!

Nas ruas pacatas de Lisboa, nos bancos desaconchegados da Avenida, aguardava-me alguma *horisontal*, com seios de borracha cabellos pintados a louro murcho beiços peganhentos de vermelhão e cuspo impuro, ou então alguma barregã de becos escuros, que, com a franqueza irresponsavel da miseria viciosa, me offereceria os seus beijos baratos e que eu, no enervamente do deboche, retribuiria em holocausto a algum soldado leproso, a algum marujo pandilha.

Eu pizava o cimento d'aquelle chão liso e espalmado pelas solas do grande mundo vadio, mergulhando o olhar nos arabescos extravagantes, que a luz electrica punha nas folhas das arvores reproduzindo no solo, e que faziam lembrar os traço-d'uma paisagem, observada des baixo do panno preto, atravez a vidro despolido d'uma camaro photographica.

Via passar, ao de mim, umas physionomias empallidecidas por aquelle luar artificial, d'uma pallidez cerosa de tumulo e o mundo desconhecido dos arpectros phantasticos, occupava-me a imaginação doentia, fazendo-me esquecer o motivo por que ali estava.

Uma mulher roçou então, ao de leve no meu braço! Uma mulher pequenina, leve, airosa, com um passinho miudo, irrequieto.

Seguia de perto, mas quando lhe ia fallar, quando procurava ver-lhe o rosto, esquivava-se, trocava-me as voltas. Aventurei esta bonalidade — «v.ª ex.ª quer que a acompanhe? póde fiar-se em mim, sou um cavalheiro...»

Não me respondeu. Chegavamos ao largo de Camões. Estacionava ali uma carruagem. Subiu para ella, que logo rodou com rapidez.

No Carmo começou a bater a meia noute. Encaminhei-me para casa, onde todos dormiam já, menos o meu intelligente creado.

*

No dia seguinte desci para o almoço e dei os bons dias á minha avó, que recostada na sua poltrona, passava pelos olhos o *Diario de Noticias*.

A minha avósinha não era uma avó rabugenta, alcachinada, pilada, com tremuras de geleia e rugas de pergaminho, não... Era muito esperta, muito viva, uma velhota alegre e teza, com uma saude de ferro. Desconhecia o uso das luvas de lã, das pantufas estofadas, e os seus vestuarios garridos, de velha ricassa, estavam virgens do pingo de tabaco, que parece ser attributo de todas as avós. Lia sem occulos. Eça de Queiroz, e... não era beata. Uma raridade!...

—Então que fizeste tu hontem á noite, meu maganão? disse-me ella.

—Estive na Avenida...

—Estava lá muita gente?

—Hum... nem por isso...

—Andaste sósinho, ou com alguns amigos?...

—Só ..

—Isso era estupido...

E soltou uma risada trocista, repenicada, de bom humor... levantou-sa da cadeira, e, caminhando para mim, disse-me, com modos impertinentes:

V. ex.ª quer que a acompanhe?... Póde fiar-se em mim... sou um cavalheiro... Ah!... ah!... ah!... meu caro netinho, como tu és trevial e sem sabor!

—Pois quê... era a avósinha?...

.....

.....

J. A. B.

CORRESPONDENCIA

REGOA, 21 DE JANEIRO DE 1891

(Do nosso correspondente)

O Sequestro do dr. J. Claudino

Nada mais infame, nada mais miseravel, nada mais vil, nada mais vergonhoso, do que o acto praticado pelo sr. D. Macedo a seus *dignos correligionarios* na noute de sete do corrente na pessoa do sr. dr. J. Claudino de Moraes, quarenta maior contribuinte d'este concelho, unico e simplesmente para aquelle cavalheiro não poder votar na eleição da commissão do recenseamento.

Chamaram no ás 10 h. da noute d'aquelle dia em nome do sr. Francisco Corrêa, amigo intimo do sr. Claudino, e, assim que o apanharam na rua assaltaram-no uma chusma de esbirros que nas proximidades se achavam embuscados. Emquanto uns malvados tentavam abafal'o com um cobertor, outros lhe encostavom ao peito e á fronte as canos dos rewolvers!

Um assalto de faccinoras em fórma,

Nãoc ontentes com estes barbaridades, medonhas, descaradamente cynicas, extraordinariamente brutaes e estupidas, proprias dos mais astutos bandidos, fizeram conduzir a sua victima por tortuosas e escabrentas veredas e beccos, coberto de insultos e de chufas, aos empurrões, como se tratassem d'um criminoso condemnado á pena ultima, chegando na sua furia a rasgarem-lhe os vestidos.

Era um banquete de canibaes esfomeados!

Os srs. Affonso Soares e D. Macedo, de rewolver em punho ameaçaram o sr. J. Claudino se os não seguisse no mais profundo e religioso silencio.

Este systema de fazer politica, é novissimo, em primeira mão, e primeiro no seu genero no nosso paiz. E' previlegio esclusivo do sr. Macedo, que sem duvida deve tirar patente do invento e registal'o cuidadosamente para evitar falsificações.

Queremos admittir a possibilidade do sr. Macedo não querer ter o incommodo de o registar-mas não perderá com isso, porque é possivel que o sr. dr. juiz de direito lhe ganhe a dianteira fazendo-o inscrever no registo de qualquer escrivão criminal e no convento de S. João.

Por estes processos é licito suppôr que cada vez retrogradamos mais no tocante ás liberdades publicas ao acatamento e respeito pelas leis, pela constituição do estado, e para bem da humanidade em geral.

O sr. Macedo deu-nos um frisante exemplo do que se passava antigamente no zemith do absolutismo, quando imperava a vontade d'um malvado qualquer arvorado um sobrano ou dictador, quando era crime sequer o pensar, quando a guerra á luz da civilisação e do progresso estava no seu apogeu: quando se mandava queimar milhares de desgraçados nas malditas fogueiras da inquisição pelo crime de seguirem ou pretenderem seguir uma orientação politico-social opposta á dos seus algozes. N'esse tempo, sr. Macedo, quando campeava no seu horror a guerra de exterminio contra a liberdade de pensamentos e consciencia, poderiam e eram tidos como magnificos os seus processos de fazer politica. Mas hoje muda o caso de figura; depois que começaram apparecer por esse mundo uns papellinhos que se vendem a dez réis não se póde dizer e fazer tudo quanto o nosso bestunto entender.

Eram outros tempos, que felizmente já passaram.

Tenha paciencia, sentimos muito a aventura em que se envolveu, mas dar-nos-ha, ainda que não nos alegramos com isso, o incommodo de o irmos ver sentar-se no banco dos reus.

Não passamos ainda pela cruel situação de presencearmos um ataque de bandidos, mas pelas descripções que temos lido nos romances, e pelo que acaba de commetter o sr. D. Macedo *e dignos amigos* devem as cousas passarem-se da mesma fórma, com pequena differença.

Tudo isto é mil vezes abominavel, não só pela circumstancias que motivaram o attentado senão como pelos individuos que n'elle tomaram parte, e as consequencias que do mesmo podiam derivar. Podia dar a morte ao sr. Claudino, um homem já avançado em idade, extramamente nervoso, sujeito a ataques cerebraes, alquebrado e docute, e os malfeitores não tiveram pejo, não tiveram receio, não lhes assaltou áquellas faces desavergonhadas e cynicas a ideia de que aquelle homem podia morrer repentinamente nas suas mãos, victima dos seus barbaros tratos, ou da ameaça brutal dos sous rewolvers traiçoeiros.

E são uns homens possuidos de uma grande importancia e representação social, que tomam a iniciativa e a execução de um crime tam monstruoso, tam barbaro, tam miseravel, que a pena se nos furta a descrever!

Obrigam violentamente sob a ameaça de morte a sua victima a andar mais de dous kilometros a pé, em noutes fugidissimas como as que ultimamente teem estado, mettem-n'o n'um carro e levam-n'o para um carcere privado a uma distancia de mais de 25 kilometros!

Isto é extremamente brutal, despotico, digno de selvagens!

Junte-se a isto os maus tratos e as chufas bestiaes dos miseraveis scicarios que o escoltavam. Coberto de insultos e improperios, como os Judeus ao Nazareno antes de o crucificarem.

Mas vamos agora procurar, no fundo a origem d'este vilissimo crime, vamos investigar a razão porque tam barbaramente se tentou contra a vida d'um cavalheiro inofensivo, vamos pesquisar que motivo teriam os seus algoses para assim procederem. Salta logo aos olhos de toda a gente que grande e poderosas razões teriam os auctores do crime para o perpetrarem n'umas circumstancias tam despoticas.

Sabem a razão porque, por causa d'um triste e misero voto n'uma eleição!!!!!!!!!

Por causa d'uma «sim» ou d'um «não», põe-se em risco a vida d'um homem que não ha bens terrestres que a paguem!

Forte cegueira a da politica facciosa, quando a opinião publica nos é adversa, ou quando o numero mostra o valôr.

Tanta prepotencia para inulitisar a votação da casa das Nogueiras na eleição da commissão do recenseamento.

Tanta crueldade com um homem a quem alguns dos seus algoses deviam favores. Tanto sarcasmo e vilania para satisfazer uma louca vaidade de annunciar aos seus *numerosos* amigos que ganhavam a eleição da commissão do recenseamento! (sic)

Fica-se sabendo em toda a parte, que o sr. Macedo & Soares, (firma da companhia em commandita) não recuou perante um crime unicamente para ter a *gloria* de mandar. Para satisfazer a sua balofa vaidade, não receiou sacrificar a vida de um homem.

E' pouco muito pouco, ou nada, tudo quanto se possa escrever para classificar o crime perpetrado pelos sr.s D. Macedo & Soares.

O que está axiomaticamente provado, por que ha *testemunhas de vista promptas a jurar é que o sr. Diogo de Macedo Affonso Soares, e outros, commetteram um hediondo crime, revertido das circumstancias mais preversas e mais infames que se podia conceber!*

Sujeitaram a captiveiro um homem livre, crime previsto pelo artigo 328 do codigo penal ordinario, e punido com prisão maior cellular de dois a oito annos, ou, na alternativa, a prisão maior temporaria; e, em ambos os casos, no maximo da multa.

Já vê o sr. Macedo & Soares, que em breve a justiça tem que lhe pedir estreitas contas do seu repugnante crime.

O sr. Macedo da aventura criminosa e selvagem levou como ajudante de campo um seu filho menor. Não tem duvida! Que bellos exemplos de moralidade, que educação lhe dá! Que explendido compendio de civilidade lhe destribue!

Que excellente inspector de instrucção publica dava o sr. Macedo. Com a sua escola estava o paiz em pouco transformado em um pais de salteadores.

Isto ainda não é tudo; a malvadez chega ao ponto de fazerem espalhar por toda a parte, n'uma chacota bedial, que ganharam a eleição dos 40 maiores contribuintes, *a despeito dos muitos esforços dos seus adversarios!!*

Torpes muito torpes; ridiculos, muito ridiculos! Estes miseros repetis da politica cabralina, chegam até ao desplante de calumniarem aquelles a quem tam cynicamente offenderam.

Os malvados não contentes com o crime, ainda veem escarnear bestialmente sobre a sua victima!

Os scelerados commetteram o crime de que a opinião publica os accusa, e mandam propalar aleivosamente impudicamente que foram os seus inimigos politicos que o praticaram!

Haverá cynicos e perversos maiores? Não é possivel.

Estes peles-vermelhas, estão pedindo pelourinho.

Já estão amarrados a elle na opinião publica que os odeia o detesta com nesfastos á sociedade sel-o-hão sem duvida pelos juizes competentes.

Estes barbaras são qual outro *Nero* imperador romano, que mandou lançar fogo á cidade de Roma, só pelo gosto de a vér arder, e accusou os christãos d'aquelle crime.

Na opinião publica já estão condemnados, ninguem o duvida; na nosso consciencia estão desde o dia 9 de janeiro arreigadas as mais intrinas convições de que não ha agua que os possa lavar d'uma immoralidade de tal ordem que possam ser absolvidos, sem offensa á consciencia publica d'um crime tam repugnante contra o direito de liberdade, que consiste no poder de nos resolvermos por iniciativa propria, e de escolhermos os meios que nos pareçam mais conducentes ao conseguimento dos fins que desejamos obter. Por isso desde o momento em que o sr. Macedo obstou por meio da força phisica, a que o sr. Claudino exercesse um acto emanado no seu entendimento, da sua vontade, da sua consciencia, que é reguladora das acções, comettem até um crime leza-humanidade.

Socialmente já o tinhamos demonstrado.

Talvez que o snr. Macedo tenha abusado da leitura das theorias de alguns socialistas, taes como Hobbes, Lepinoza, Rousseau e outros, que não duvidaram affirmar que a sociedade é um estado *artificial* e não *natural*, isto é, que ella é o resultado da força e violencia, exercida pelos mais potentes sobre os mais fracos.

Puro engano snr. Macedo; a união dos homens em sociedade é um facto tão antigo como o mesmo homem,—um estado exigido pela sua propria natureza, que lhe é tão natural e necessario, que fóra d'elle não lhe seria possivel aperfeiçoar-se nem viver.

Provado se acha axiomaticamente que se deve respeitar a liberdade uns dos outros, porque sem ella não ha responsabilidade nem moralidade.

Attente snr. Macedo, que saltou por cima de tudo, isto na pessoa do snr. Claudino, e levanos por essa razão a julgal-o como um epilectico ou larvado, que precisa ser sequestrado, não por causa das eleições, mas sim por bem da humanidade.

* * *

ANNUNCIOS JUDICIAES

EDITOS

(1.ª publicação)

Pelo juizo de direito da comarca de Ovar, e cartorio do Escrivão Coelho correm editos de trinta dias a contar da segunda publicação d'este annuncio no "Diario do Governo" citando os herdeiros do reverendo Roberto Gonçalves de Sá, abbade que foi da freguezia d'Esmoriz, pessoas incertas para na segunda audiencia d'este juizo findo o praso dos editos, verem accusar a citação e louvarem-se em arbitros commerciaes necessarios perante os quaes Manoel dos Santos Loureiro, abbade de São João de de Vês e Bento Gomes dos Santos de Gueifaz, ambos da comarca da Feira, pretendem propor uma acção commercial contra os referidos herdeiros d'aquelle abbade para lhe pagarem a quantia de tresentos mil reis que o mesmo lhes devia.

Ovar, 13 de janeiro de 1891

Verifique axactidão

O juiz de direito

Salgado e Carneiro

O Escrivão

João Ferreira Coelho

(53)

ARREMATAÇÃO

(1.ª publicação)

No dia 8 de Fevereiro proximo, pelo meio dia á porta do Tribunal Judicial d'esta comarca, vão á praça para serem arrematadas por quem mais offerecer sobre a avaliação no inventario por morte de Augusto dos Santos Alla, que foi da rua das Ribas, d'esta Villa, sendo as despezas da praça e contribuição de registo á custa do arrematante as seguintes:

PROPRIEDADES

Uma morada de casas terreas com todas as suas pertenças, quintal, eira, caza da eira e poço, sita na rua direita das Ribas, d'esta Villa, a confrontar do norte com Francisco Pinto Catalão, sul com propriedade do cajal, nascente com José Gomes Lamego e filhos e poente com a rua publica, avaliada em 800$000 reis.

Um armazem com um salão por cima, e mais pertenças sito na travessa das Ribas d'esta Villa, que confronte do norte com José Gomes Lamego, sul com Anna do Rozario nascente com a rua publica e poente com bens do cazal. avaliado em 250$000 reis.

Ovar, 15 de janeiro de 1891

Verifiquei

O Juiz de Direite

Salgado e Carneiro

O Escrivão

João Ferreira Coelho

(54)

Annuncios

Agradecimento

Os abaixo assignados agradecem, profundamente penhorados, a todos os individuos que os cumprimentaram e se dignaram acompanhar e assistir aos respensos de sepultura de sua chorada esposa, mãe, cunhada e tia Maria Duarte Pereira Coentro.

Ovar, 25 de Janeiro de 1891.

Antonio d'Oliveira Descalço.
Dr. Antonio d'Oliveira Descalço Coentro.
Manuel Gomes Coentro
Padre Manuel Gomes Duarte Pereira Coentro (ausente).
Antonio Gomes Duarte Pereira Coentro.
Dr. Manuel Gomes Duarte Pereira Coentro.
José Duarte Pereira do Amaral.
Antonio Duarte Pereira do Amaral.
Manoel Caetano do Amaral.
Joaquim Duarte Pereira do Amaral.
Francisco Ignacio Ferreira Soares

VENDA DE CASA

Vende-se uma casa na rua da Oliveirinha que foi da Leôa com caminho de carro e de poço.

Quem pertender dirija-se á rua da Fonte a casa de Manoel Martins d'Oliveirã Vaz.

OVAR.

A. A. SOARES DE PASSOS

POESIAS

7.ª edição revista, augmentada e precedida

D'UM

ESBOÇO BIOGRAPHICOS

POR

A. X. RODRIGUES CORDEIRO

1 vol. br.... 300 rs.

Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas ou vale do correio

A' Livraria=Cruz Coutinho=Editora. Rua dos Caldeireiros, 18, e 16 —Porto.

OS MYSTERIOS DO PORTO

POR

GERVAZIO LOBATO

Romance de grande sensação, illustrado com magnificas phototypias.

Condições de assignatura

No Porto e em Lisboa distribuir-se-ha semanalmente, com irreprehensivel regularidade, um fasciculo de 48 paginas, ou 40 e uma phototypia, pelo modico preço de 60 reis cada fasciculo, pago no acto da entrega.

Para as provincias, a remessa será feita quinzenalmente, com inexcedivel regularidade, aos fasciculos de 88 paginas e uma phototypia, pelo diminuto preço de 120 reis cada fasciculo, franco de porte, pago adiantadamente.

Para fóra do Porto e Lisboa não se envia fasciculo algum sem que previamente se tenha recebido o seu importe, que poderá ser enviado em estampilhas de 25 reis, vales do correio ou ordens de facil cobrança.

Recebem-se assignaturas na livraria da Empreza Litteraria e Typographica, editora, rua de D. Pedro, 184 Porto, para onde deve ser enviada toda a correspondencia, franca de porte.

Agente em Ovar—Silva Cerveira.

DRAMAS DO CASAMENTO

POR

XAVIER DE MONTEPIN

VERSÃO

DE

Julio de Magalhães

4 volumes illustrados com chromos e gravuras

a 450 reis por assignatura

Cadernetas semanaes de 4 folhas e estampa, **50 REIS**

A distribuição começará em 3 de maio proximo.

Brinde a todos os assignantes

EDITORES- BELEM & C.ª 26, Rua do Marechal Saldanha, 26—LISBOA.

O MARIDO

A melhor producção de

ÉMILIE RICHEBOURG

EDICÃO ILLUSTRADA COM CHROMOS E GRAVURA

Cadernetas semanaes de 4 folhas e estampa, 50 réis

Brinde a todos os assignantes

Uma estampa em chromo de grande formato

representando o

PALACIO DE CRYSTAL DO PORTO E SEU JARDIM

Com as margenes medo 60 por 73 centimetros.

Brindes a quem prescindir da commissão de 20 p. c. em 3, 10, 15, 20 e 40 assignaturas.

Editores: **BELEM & C.ª**

Rna do Marechal Saldanha, — 29

LISBOA

A AVÓ

POR

ÉMILE RICHEBOURG

Romance traduzido da nova edição correcta e augmentada pelo auctor

A avó, o romance mais bello de Émilie Richebourg, deveria ter para os seus capitulos apenas os seguintes titulos:

Orgulho, maldição, arrependimento e remorso, expiação, avó, mãe e filha.

N'esta obra, commovedora pelas peripecias extraordinarias que a revestem, quasi toda a acção gira, com a duração tremenda de seculos, em turno dos tormentos d'uma fidalga em quem a soberba e o orgulho da sua origem suffocaram os sentimentos de mãe, para a deixarem mais tarde na solidão desconsolada e fria d'uma existencia despida dos carinhos que não são a meia vida dos velhos.

Mãe sem filha... avó sem neta... tal é a esmagadora synthese dos indiscriptiveis pezares d'essa orgulhosa, só muito tarde santificada pelo arrpendimento e pelas lagrimas—lagrimas terriveis que farão vibrar de enternecimento todos os leitores de coração.

Não queremos antecipar-nos ao que a leitura d'esse estudo d'um coração de mulher reserva aos nossos assignantes, mas desde já podemos asseverar que no seu espirito ficarão gravadas recordações indeleveis suavisadas pelo desfecho sublime da avó.

Os editores Belem & C.ª de Lisboa, previnem os seus estimaveis assignantes, de que este bello romance, o mais interessante que sahiu da penna de **Richebourg**, está sendo vertido para a nossa lingua, não do primitivo romance, mas sim da edição que agora viu a luz, augmentada com grande numeros de capitulos novos, que lhe desenvolveram a acção, dando-lhe interesse sempre crescente, com uma nova parte extensa e admiravelmente bem engendrada, e com muitas gravuras e chromos, que juntos ao texto, o elucidam e lhe dão um relevo e colorido attrahentes.

Fique, pois, assente, e os nossos leitores terão occasião de o verificar, que a nova obra em nada se parece com a traducção já feita por um jornal de Lisboa, traducção executada sobre o joelho e resumida, o que representou uma córte lamentavel nas passagens mais importantes d'esse extraordinario romance.

Sairá em cadernetas semanaes de 4 folhas e estampa 50 réis.

Brinde a cada assignante no fim da obra

Grande vista de Lisboa, em chromo, tirada do Tejo, *à vol d'oiseau*. Representa com a maior fidelidade a magestosa Praça do Commercio, em todo o seu conjuncto, as ruas Augusta, do Ouro e da Prata, Praça de D. Pedro IV, theatro de D. Maria II, o Castello de S. Jorge, as ruinas do Carmo, etc. Mede em exte n são 72 por 60 centimetros, eé incontestavelmente a mais perfeita vista de Lisboa, que até hoje tem apparecido.

Nossa Senhora de Paris

por VICTOR HUGO

Romance historico illustr ad o co 200 gravuras novas compradas ao editor parisiense EUGÉNE HUGUES

Depois dos MISERAVEIS é o romance NOSSA SENHORA DE PARIS a obra mais sublime de Victor Hugo. Cheio de episodios surprehenentes, dn'uma linguagem primorosa, a sua leitura elevase nosso espirito ás regiões sublime do bello e innunda de enthusiasmo a nossa alma, levando-nos a tributar ao grande poeta francez a admiração mais sincera e illimitada

A sua traducção foi confiada ao illustre jornalista, portuense, o dxc.mo snr. Gualdino de Campos, d a obra completa constará d'um volume magnificamente impresso em papel superior, mandado exaressamente fabricar em uma das primeiras casas de Milão.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

A obra constará de 1 volumes ou 18 fasciculos em 4.º, e illustrada com 200 gravuras, distribuido em fasciculos semanaes de 32 paginas, ao preço de 100 reis, pagos no acto da entrega. Para as provincias o preço do fasciculo é o mesmo que no Porto, franco de porte, mas só se acceitam assignaturas vindo acompanhadas da importancia de cinco fasciculos adiantados. A casa editora garante a todas as pessoas que angariarem qualquer numero de assignaturas, não inferior a cinco, e se responsabilisarem pela distribuição dos fasciculos, a commissão de 20 por cento. Acceitam-se correspondentes em todas as terras do paiz, que dêem abono á sus conducta.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a

LIVRARIA CIVILISAÇÃO
DE
Eduardo da Costa Santos, editor

4, Rua de Santo Ildefonso, 4
PORTO

LIVRARIA CHARDRON

A reproducção desleal, feito no livro BOHEMIA DO ESPIRITO editada pelo snr. Costa Santos, das obras abaixo mencionadas, prejudicando a sua venda, obriga esta **casa editora e proprietaria** a fazer uma grande reducção nos preços das mesmas.

GRAND RABAIS

CAMILLO CASTELLO BRANCO
CARTA DE GUIA DE CASADOS, por D. Francisco M. de Mello (Prefacio) Avulso 360—180 reis
A ESPADA D'ALEXANDRE.. » 240—120 »
LUIZ DE CAMÕES, nota biographicas av. 400—200
SENHsORA RATTAZZI 1.ª edição..... av. 160—60 »
SENHORA RATTAZZI 2.ª edição..... av. 200—100 »
QUESTÃO DA SEBENTA (aliás *Bollas e Bullas*: Notas á Sebenta do dr.

TODA A COLLECÇO 600 REIS

Todas estas obras forao vendidos sem diversas epocas pelo auctoro fallecido Ernesto Chardron.

LUGAN GENELIOUX, successores, Clerigos, 960—PORTO.

A C. Callisto.... av. 60—30 »
Notas ao folheto do dr. A. C. Callisto.... av. 60—30 »
A Cavallaria da Sabenta..... av. 100—50 »
Segunda carga da cavallaria..... av. 150—75 »
Carga terceira, treplica ao padre.....av. 150—75 »

O ESPETRO

Pampheleto hebdomedario

Publicação semanal

Depositos em Portugal

Livraria Civilisação, rua de Santo Ildefonso, 12.

Em Lisboa, travessa de Santa Justa, 65, 2.º

ASSIGNATURA

Anno.....	2$400
Semestre.....	1$200
Trimestre.....	600
Mez.....	200

Avulso 50 reis

A' vendo em todas as livrarias e kiosques.

Gazeta dos tribunaes administrativos

Publica-se por series de 12 numeros, devendo publicar-se regularmente 2 numeros em cada mez.

Conterá, além d'accordãos de diversos tribunaes de primeira e segunda instancias, artigos sobre direito e forma de processo, especialmente administrativo. Publicará tambem a legislação mais importante que se fôr promulgando, já no proprio jornal, já em separado, se este a não podér conter, mas sem augmento de preço para os senhores assignantes.

Preços da assignatura

Por serie de 12 numeros (6 mezes).....	1$200
Por duas series (um anno)	2$400

Não se acceitam assignaturas por menos de 12 numeros, pagas adiantadamente.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Redacção da «Gazeta Administrativa» — Villa Real.

MANUAL

DO

PROCESSO ADMINISTRATIVO

Comprehendendo a forma do processo de todas as especies da competencia dos tribunaes administrativos districtaes, desde a sua origem nas diversas repartições, com todos os modêlos e formas que lhe são concernentes.

pelo

DR. AUGUSTO CESAR DE SÁ

JUIZ DE DIREITO, SERVINDO NO TRIBUNAL ADMINISTRATIVO DE VILLA REAL

Este livro, unico até hoje escripto sobre processo administrativo, e da maior utilidade não só aos que lidam no foro, mas até mesmo ás corporações administrativas e administrações do concelho, publica-se por entregas de fasciculos de 32 paginas, Preço de cada fasciculo, 120 réis.

Póde ser requisitado a **Raul de Sá**—Editor do MANUAL DO PROCESSO ADMINISTRATIVO—VILLA REAL.

A ESTAÇÃO

JORNAL ILLUSTRADO DE MODA PARA AS FAMILIAS

Publicou-se o n.º de 1 de Julho

Preços: 1 anno réis 4$000—6 mezes 2$100 rs.—Numero av .lso rs. 200.

LIVRARIA CHARDRON, LUGAN & GENELOUX, SUCCESSORES—PORTO.

A MARSELHEZA

E A

PORTUGUEZA

Em portuguez e em francez

Preço 40 réis.—Para revender grande desconto.

A' venda em todos os kiosques de Lisboa e Porto.

Pedidos a Julio Flavio, rua de S. Lazaro 99.—Lisboa.

Manaus, Pará, Maranhão, Ceará, Peruambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e outros portos do Brazil

Vendem-se passagens a preços **muito reduzidos** para todos aquelles portos dos Estados Unidos do Brazil.

Tambem **se dão passagens gratuitas** para os portos acima mencionados a individuos solteiros, homens ou mulheres e familias inteiras, **ficando livres de quaesquer compromissos e podendo á sua vontade empregar-se em qualquer trabalho e residirem onde quizer.**

Vendem-se tambem a preços commodos passagens para os diversos portos da Africa Portugueza, Occidental e Oriental.

Preparam-se todos os documentos necessarios e apromptam-se gratuitamente.

Dos seus amigos e freguezes esperam os abaixo assignados. agentes das companhias se lhes dirijam para obter qualquer passagem.

Os agentes em Ovar,
Antonio da Silva Nataria
Antonio Ferreira Marcellino.

Pelos paquetes de primeira ordem **dão-se passagens gratuitas** a individnos solteiros, homens ou mulheres, que tenham mais de 17 e menos de 51 annos de edade, para differentes terras dos Estados Unidos do

BRAZIL

e principalmente para o **Rio de Janeiro e S. Paulo.**

Pelos paquetes a sahir de Lisboa todas as semanas, **dão-se passagens gratuitas** a familias de trabalhadores ou lavradores, compostas de *marido, mulher, avô ou avó com seus filhos, genros, netos ou enteados*, para differentes terras dos Estados Unidos do

BRAZIL

e principalmente para o **Rio de Janeiro e S. Paulo**

Os passageiros que embarcarem n'estas condicções não contrahem divida alguma pelos beneficios recebidos, podendo empregar livremente a sua actividade laboriosa no trabalho que mais lhes convenha.

Solicitam-se e apromptam-se os documentos necessarios e respectivos passaportes, para os passageiros, e prestam-se todos os demais esclarecimentos. Dirigir unicamente:

EM OVAR

Serafim Antunes da Silva

Rua da Praça

EM AVEIRO

a Manuel J. Soares dos Reis

19—Rua dos Mercadores—23.

N. B.—N'esta agencia vendem-se passagens para todos os portos da **Africa Portugueza**, por paquetes **portuguezes** de primeira ordem.

Os compromissos effectuados pelo agente principal ou por seus agentes são compridos com rigorosa promptidão, segurança e boa fé. Exportam-se mercadorias e embarcam-se passageiros pelos portos de *França* e *Hespanha*.